

INTERIOR.

CHRONICA ADMINISTRATIVA.

Nem um acto importante da administração vemos publicado nos *Correios Officiaes*. Apenas distinguimos a ordem para que se não consinta no interior do quadrado que se forma em torno da força, quando se váe executar algum padecente, a deputação da irmandade da misericórdia. Tem esse aviso por causal os disturbios acontecidos quando nas execuções dos réos do patacho D. Clara arrebentou a corda. Mas esses disturbios dariam motivo sufficiente ao ministro para destruir um costume antigo, uma pratica religiosa e innocente? assentamos que não. Consta-nos que a irmandade respondeu ao aviso, e respondeu com dignidade como lhe cumpria que, a não ser ella mais admittida no interior do quadrado, a levar a seus infelizes irmãos, quando o mundo, e a vida os abandona, os soccorros da religião, e caridade, não podia ella apparecer nesses actos, nem acompanhar os padecentes.

Quem cederá o ministro, ou a irmandade? Fazemos votos para que seja o ministro: que ao menos nos ultimos instantes de uma existencia que lhe váe ser arrancada, em sua ultima agonia veja o miseravel o Deus que morreu na cruz, e a misericórdia que tanto recommendou.

— Advertimos ao nosso collega do *Defensor da Patria*, que não foi o snr. ministro da justiça quem mandou recolher os mendigos, e occupal-os em trabalho util; a idéa foi do snr. chefe de policia. O seu a seu dono.

Hoje é o anniversario do juramento da constituição politica do imperio. Foi no dia

FOLHA LITTERARIA.

Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est.

Parlons bas,
Parlons bas,
Ici près j'ai vu Judas.

Eil-a emfim terminada essa longa quarentena que a religião consagrou á penitencia, e para obedecer ao mesmo principio philosophico das compensações acabou dignamente como tinha começado: começou pelas bacchanas do entrudo, acabou com os festivos repiques da alleluia. Sabbado da alleluia! — domingo gordo! dignas metas entre as quaes se acha comprehendida a quaresma com suas macerações, seu jejum, suas predicas, e a commemoração dos padecimentos do Deus-homem.

Como nesta semana se encadeiaram as mais apparatusas ceremonias da mais eloquente das religiões, e como nossa inconsideiração nos tem feito surdos á sua eloquencia! Ante-hon-

25 de março de 1824 que entre nós, Brasileiros, accetamos, e juramos nosso pacto fundamental, 13 annos tem decorrido, desde esse dia de tão faustosas promessas, e esperanças, e com dôr o disemos quasi todas tem sido illusorias. Mas, longe vão tristes recordações; lembremo-nos somente que há 13 annos que temos constituição e que nesses 13 annos se tem as instituições livres, por tal modo enraizado, que impossivel será arrancal-as, e baldar-se-hão quaesquer esforços que para isso se tentarem.

— No *Diario do Rio* de quarta feira vemos um annuncio dos snrs. officiaes que estavam de guarnição na fortaleza de Santa Cruz, quando della se evadiram Onofre e Corte Real, e que por isso se acham actualmente prezos, e que bastante nos surpreendeu. Dizem-nos estes snrs. que alguém sem consentimento delles está agenciando uma subscrição em seu proveito. Elles julgam dever repudiar semelhantes favores, increpam vehementemente o *benevolo* agenciador, e se assignam os *inimigos do sem-vergonha*.

Louvando muito nos snrs. officiaes o brio com que regeitam taes subscrições, tomaremos a ousadia de pedir-lhes que em outro annuncio expliquem-se mais claramente, digam quem é esse agenciador para que saibamos si foi alguma especulação particular, ou si isto é ainda alguma manobra de intriga politica. Somos por essencia amigos da franqueza, e de animo muito suspeito; é por isso que fazemos esse convite, porque infelizmente vivemos em tempos taes que cada palavra que se escreve, cada acção que se pratica é logo por mil e um modos differentes commutada e interpretada.

— Battido na ultima sessão do jury, vendo absolvidos quasi todos os jornaes accusados, vendo a *desenfreada licença da opposição periodica*, consta-nos que o governo vai mandar intentar novas e mais vehementes accu-

tem fomos vizitar as igrejas: oh! como estavam brilhantes! que profusão de luzes e de ornamentos! Como ás portas se apinhavam milheiros de individuos! E que casquilhos, que *luzuosos* (1) que estavam! Que iam todos elles fazer? iam sem duvida rezar: assim piamente o cremos; mas neste cazo porque é que não entravam? porque é que não ajoelhavam? nesse dia em que a igreja commemora a humidade de seu fundador, porque é que não tomavam essa postura de humidade e respeito? Porque... porque em pé tambem se reza, e é esperando á porta que se tem a inapreciavel vantagem de vêr quem entra e quem sahe.

Hontem fomos a procissão (antes profanação) do enterro: que lindo expectaculo! Como luziam todas as janellas! Certo que essa noite

(1) Perdão pelo neologismo: — sabemos que esse derivado de *luzo* ainda não está admittido em nossa lingua, todavia como seja do facil intelligencia não duvidamos adoptal-o.

suações, e para assegurar-lhes o exito, e não expôr-se á ver baldadas as fadigas do promotor, um grande plano de decreto se esta forjando no arsenal juridico de nossos estadistas. Quer-se com esse decreto destruir todos os obstaculos que a rectidão dos juizes formadores da culpa, e a consciencia do tribunal dos jurados oppoem aos alvedrios do promotor. Não será de certo essa a primeira usurpação das attribuições legislativas; mas, si como nos asseguram, semelhante decreto attacar a liberdade de escrever qual a gosamos a tantos annos, qual nos garantem a constituições e os codigos, será ello obedecido? será o direito de resistencia legal palavra sem sentido, e nunca applicavel? Supponhamos que não. Inda não sabemos quaes serão as disposições desso decreto; e tanta cousa delle temos ouvido que não podemos atinar com o que mereça fé e credito. Uns disem-nos que é a traducção fiel das leis de excepção que em França tem sido adoptadas, de cada redactor exigirão uma consideravel fiança em deposito pecuniario, e inaugurará um conselho de censura. Nisso não podemos acreditar que não supponmos o governo tão demente que se anime a de xofre atacar todos os direitos do cidadão.

Outros porém nos disem que esse decreto não vem si não firmar a competencia de todos os juizes de paz do municipio, para cumulativamente conhecerem dos crimes commettidos pela imprensa, e tornar solidariamente responsaveis os jornalistas e os impressores. Si é verdade que se prepara esse decreto acretitamos mais facilmente, que seja este o sentido das suas disposições; por quanto antes mesmo que elle appareça, temos visto adoptada e seguida sua doutrina pelo promotor publico, já na accusação intentada contra o *Raio de Jupiter*, já na que está intentando contra o *Sete de Abril*.

Felizmente inda nemum dos juizes de paz

é uma das mais alegres festas do anno! E é deste modo que nós christãos commemoramos o enterro de nosso Divino Mestre! Co-brimo-nos de preto, e não dó nem luto, — são galas que trajamos! Em nossos semblantes não é a dor profunda da contricção, é o contentamento, é o jubilo que se divisa!

Mas de que servem todas essas exprobrações? podemos com ellas reformar o mundo? Em dia de procissão, tanta gente sahe do caza, tanta gente anda pelas ruas, ar tão festivo reina em todos os semblantes, com tantas bellezas se adornam as janellas e com tanto luxo se arreiam essas bellezas, que de necessidade ninguem quer parecer mal, ninguem se lembra de que é a um enterro que vem assistir, e cada um faz o que os outros fazem. Assim vae o mundo.

Hoje se commemora o chefe da mais numerosa das confrarias, dessa que se tem disseminado por toda a superficie da terra, é o discipulo que á preço de trinta dinheiros vendeu seu Mestre, que com um osculo traiçoeiro

a quem tem sido requerida a formação da culpa se tem animado a considerar-se competente para tomar conhecimento de actos praticados em logares que estão fóra de sua jurisdição, todos elles tem indelirido as requisições do promotor; esperemos que si por acaso baixar esse decreto (quod Deus avertat) elles lembrar-se-hão de que o governo não pode legislar, e menos obrigar os á obrar contra as suas consciências. Lancando os olhos pela lista dos juizes de paz actualmente em exercicio no municipio da corte mais se corrobora essa nossa confiança. Seus nomes trazem consigo a garantia da honra, da probidade, do zelo pelos direitos do cidadãos, e de certo não hão de elles dar as mãos á illegaes perseguições.

E já que tivemos occasião de tocar nos actuaes juizes de paz, cumpre que lhes paguemos o tardio tributo de elogios de que são credores.

Disem que o povo é ingrato e esquecido, é um erro manifesto; vede-o o anno passado nas eleições de juizes de paz como se lembrou de seus antigos amigos, como os reellegeu. Suspensos em 1833 pelos desvarios do espirito de partido, os snrs. Pinheiro Guimarães e Paulo Fernandes Vianna dão-nos prova evidente de que se não engana o senso publico, nem se esquece de quem bem serve. Apesar da suspensão, apesar dos motes que lhes foram prodigalisados pelo partido victorioso, apesar de se terem retirado da vida politica, de ter mesmo o snr. Vianna sahido do imperio: ha nova eleição, e eil-os reeleitos. Com esses juizes, e com os outros seus dignos collegas que actualmente se acham a frente de cada um dos districtos desta cidade, sufficiente garantia tem os cidadãos de que não serão victimas do arbitrario; podem os jornalistas descansar que não hade a innocencia ser convertida em crime, e esperar tranquillos que saia da forja e appareça estampado no *Correio Official* esse assustador decreto para decidirem o que lhes cumpre fazer.

AS REVELAÇÕES DO REPUBLICO.

Inda não voltamos da admiração que nos causaram as terribes revelações que o *Republico* em sua indignação contra o ministro do imperio fez ao publico no seu penultimo nu-

mero, e anciosos, avidamente inquietos tem-vem lançado os olhos sobre todas as publicações periodicas a vêr o que ellas contem á semelhante respeito. No *Correio Official* esperavamos algum eloquente desmentido as palavras do democrata, que ellas são de natureza a comprometterem seriamente o governo, mas o *Correio* nada por ora se tem dignado responder: no *Republico* seguinte esperavamos vêr o redactor mais a sangue frio dar explicações ás suas reticencias, á suas insinuações: mas o *Republico* já se tinha esquecido do que havia escripto, e occupava-se todo com mostrar que era illegal a annullação das eleições da Parahyba, e que não seria obedecido o decreto que mandou proceder a novas eleições: não é isso por certo que devia occupar o *Republico*, depois de haver com vehemencia *nō communi*, clamado contra o ministro do imperio, insinuado que elle havia sido cúmplice de pregações republiceiras, e de planos anti-constitucionaes, certo o *Republico* devia apresentar as provas dessas suas asserções, e já que tinha imprudente levantado um cantinho do véo do mysterio devia rasgalo de todo: o contrario é querer ludibriar com a população desta cidade, lançando-a n'um mar sem fim de desconfianças, e de recios: o contrario é querer benevolo que sobre sua frente se imprima o ferrete de calumniador.

Si porém alguma mão poderosa tiver deitado, como se costuma dizer, agua na fervura, si ella tiver por algum modo obtido alguma conciliação entre o ministro injuriado, e talvez mesmo calumniado, e o jornalista, si ella tiver feito que o *Republico* depois de haver imprudentemente levantado uma ponta do véo se arrependa, e não queira levantalo de todo — *embora alguém chore*. — Nós procuraremos completar as revelações do periodico analysando todas as suas palavras, procuraremos aproveitando essa ponta do véo que se acha levantada, descortinar inteiramente essas mysteriosas conferencias, que se nos inculcam, adivinhar o conteudo desses escriptos com cuja publicação foi ameaçado o ministro. Não serão aerias nossas conjecturas, nem infundadas nossas conclusões, sirvam ellas de desdouro a quem servirem, isso nós não importa, o que queremos é que a nação saiba de tudo, e que por fim não se diga atraçoada. O *Republico* tocou o alarme, a

população toda o ouviu e estremeceu, convém agora mostrar-lhe onde estão seus inimigos, si o *Republico* o não fizer, nós o procuraremos fazer.

Agora voltar-nos-hemos para o nosso collega do *Correio Official*: certo espantou-nos ao ultimo ponto o silencio do *despreso* em que se pultou esse n.º do *Republico*: nunca mais grave, mais virulenta arguição foi lançada ao governo que elle deve defender: a arguição é séria, e compromette para sempre a administração: não é mais uma ou outra maligna interpretação do famoso — estamos autorisados — é a revelação de um plano combinado entre um ministro e um jornalista contra as instituições actuaes, e o *Correio* não responde ao *Republico*, nem ao menos lhe diz — é falso, sois um calumniador!! — Isto de certo causa assombro, e quasi que nos lembramos de um proverbio antigo que diz — quem cala . . .

Ignoramos como aceitará nosso collega essa nossa advertencia; sabemos que elle não gosta que queiramos dar regras a sua redacção: mas perdoo-nos elle que ao menos desta vez o façamos: a sua honra, a honra da administração condemnamos o seu silencio, ordenam-lhe que falle e desminta o *Republico*.

E o que é que faz o snr. promotor? Julgará elle que as arguições contidas nesse periodo do *Republico* contra a administração (si calumniosas como as queremos suppôr) não lhe são sobremodo offensivas, não a desceituum na pessoa do primeiro ministro do gabinete e ministro do imperio? não lhe fazem perder essa tal ou qual força moral que ainda conservava? Por nós temos que esse periodo do *Republico* faz mais mal ao governo do que todas as empadinhas quentes do *Sete d'Abril*, do que todos os seus motes, e todas as paginas que tem escripto a opposição monarchista. E no entanto o que é que faz o promotor? já chamam a responsabilidade o author daquelle artigo?

Paiz das maravilhas é por certo este nosso Brazil! Um jornalista indignado prorompe nas mais vehementes invectivas contra um ministro, e a par das mais violentas diatribes insinua entre reticencias que tem escriptos desse ministro louvando suas doutrinas, as doutrinas republicanas; deixa entender entre reticencias que o ministro conspirava com elle: e esse jornalista não é desmentido, e o

o indicou á seus inimigos, é a traição feita — homem que hoje se commemora.

Depois de terem desde a vespera emmudecido, os sinos como que apalavrados, todos á uma, prorompem nos seus mais vivos e alegres hymnos; do alto das torres desce á terra uma harmoniosa athmosfera que nos dilata os pulmões, e nos enche de insolita alegria. Immediatamente, sem que se saiba de onde, surgem, apparecem, reúnem-se, agglomeram-se enxames de rapazes gritadores e assoviadores, apregoando entre risadas uma sentença de morte, a sentença do infame traidor que elles mesmos vão executar.

Eil-os, eil-os alli divisam plantada em meio da rua uma arvore improvisada, representando a fatal figueira; de seus ramos pende insolito fructo, é um corpo de homem coberto de farrapos, que feias e rudes feições indicam ao odio vingativo da frenetica população. — E' o Judas, é o Judas, — todos á uma voz assim clamam apenas o avistam; — é o Judas! — assim o saúdam, e sobre elle precipitam-se

encarniçados; da arvore á que pendia cahe por terra o Judas; a corda que o enforcava é com avidéz disputada por centenaes de mãos, e o grupo vingador, armado do azul-rague açouta-o sem compaixão. Aquelle que feliz soube apoderar-se da corda, corre e com ella vae arrastando pela lama e immundices o corpo do infame, a chusma toda o acompanha, e um instante não cessa do açouta-lo, de apupalo com assovios, imprecações e vozerias. Fraco castigo de tão enorme maldade!

Não podendo por fim mais resistir á tantos tractos, a tantas pancadas faz-se pedaços o corpo do Judas. — Felizmente que esse corpo não é de carne e ossos, mas de palha e immundices, quaes as entranhas desse que representa. — Ainda porém não está farto o furor da plebe, ella encarna-se contra esses pedaços, esses membros dispersos do traidor, e só descança quando vê espalhados por toda a parte os vestidos, a pelle, as entranhas do infame, quando as não pôde mais distinguir do lixo das ruas e das praças, quan-

do nada mais encontra que possa dizer: — isto foi Judas.

Mas quanto tem errado nossa penna! Isso que ella está escrevendo como scenas do presente, já pertencem ao passado; dellas nos recordaremos saudosos, quando nos recordarmos do saudoso tempo de nossa infancia, e como o saudoso tempo de nossa infancia nunca mais voltará, nunca mais as veremos reproduzidas. Os sabbados da alleluia perderam seu distinctivo, ficaram orphaes de seu Judas, e agora não ouviremos mais pelas ruas o terrivel pregão da justiça, que faz o povo á effigie de Judas, o traidor.

E qual foi o motivo real, que fez prohibir esse divertimento, essa lição annua de moral practica que a justiça do povo dava á proge-nie innumera dos Judas? O motivo? quereis saber-o? Pois bem, nós vo-lo revelamos.

Mais felizes do que o Judas do Evangelho, os Judas modernos tem multiplicado em numero, e em poderio: elles pois se uniram, se colligaram para arrancar ao furor da plebe

governo tem um periodico, e o periodico do governo não diz — isso é mentira, — e o governo tem um promotor, e o promotor não diz — isso é calúnia —: e o jornalista depois dessa volcanica explosão volta logo no numero seguinte como esquecido do que havia escripto, aos assumptos ordinarios de suas publicações!

Paiz das maravilhas é por certo este nosso Brazil! e mais firmemente ainda o ficaremos acreditando, si o governo, si o *Republico*, ou si a nação não derem seguimento ás revelações do jornal democrata.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores. — Muito me lisongeou ver no seu CHRONISTA n. 45 de 11 de corrente mez a refutação, que apresentou o sr. Joaquim Francisco de Souza Navarro á minha correspondencia sobre a extincção das duas Barreiras de Santa Cruz e Pavuna; e muito me admirou de que um empregado publico procurasse (ainda dando armas contra si) justificar-se de algumas arguições que lhe dirigira.

Antes pois de entrar na questão devo prevenir ao sr. Navarro, que não por elle, mais só pelo interesse que tomo na boa arrecadação e fiscalisação dos direitos nacionaes, é que escrevi aquellas poucas linhas. Defendendo-me por tanto do gracioso epitheto de *calumniador*, com que logo no começo da pretendida refutação me mimosca, seni que com tudo largue a capa de anonimo, como deseja, eu irei tambem apresentando ao publico as falsidades de que está revestida a sua defeza. O sr. Navarro confessa que está a meio soldo com licença na forma da Ley, e que pode em consequencia occupar hum emprego de fazenda, como outros. Eu quizera que me apontasse em que Ley se fundá o sr. Agente para avançar uma tal proposição: ao contrario o sr. Agente na forma da Ley não pode acumular dois vencimentos, um pela guerra, e outro pela fazenda; e nem me apontará hum só militar tanto na alfandega como no thesouro que acumule os dois vencimentos; e, logo que foi nomeado Agente do gado, o sr. ministro da fazenda deveria participar ao da guerra tal nomeação, para lhe ser suspenso o soldo em quanto estivesse exercendo aquelle emprêgo; e muito é para admirar que o sr. ministro da guerra consinta a continuação de hum tal abuso, e

não obriga o sr. Agente a repor a fazenda publica o que indevidamente tem recebido por aquella repartição: logo não falei a verdade, quando affirmei que estava a meio soldo, e percebendo 4 por cento pela arrecadação do imposto. Tambem não falei á verdade quando avancei que pelos manços do sr. Agente se tratava da mudança da Agencia de S. Christovão para Bemfica, ou praia pequena; e nem o sr. Navarro desta arguição se defendeu, pois o *melindroso officio* que apresenta, como defeza, nada prova, si não seu muito pouco respeito ao tribunal do thesouro.

Como se defende o sr. Agente de que não contribuiu para a extincção das duas barreiras de Santa Cruz e Pavuna? Confessando que em consequencia de uma portaria do sr. ministro da fazenda, para que informasse sobre os estorvos que encontrára na execução do regulamento; o unico estorvo que tanto o embaraçava, eram as duas barreiras a que eu chamei guardas avançadas, e que para elle eram desnecessarias. E por certo, que ellas serviram de grande estorvo ao sr. Agente durante estes seis mezes!!! Ora srs. redactores, nem depois de uma confissão tão ingenua do sr. Agente, o sr. ministro da fazenda conheceu a manobra? pois extinguiram-se duas barreiras tão necessarias á boa fiscalisação do imposto sobre o gado, só porque servem de estorvo ao sr. Navarro? Como pois conhecerá d'ora avante s. ex.^a qual é o gado que entra para o municipio, e qual o nelle consumido, para poder prevenir o extravio dos direitos nacionaes? Certamente aquelle periodo da defeza não haura muito ao seu nobre autor, que não lhe servindo de estorvo as barreiras internas, tantos descobriu nas de Santa Cruz e Pavuna!!! Estão pois satisfeitos os seus desejos com a extincção de todas as barreiras; e por tanto as minhas asserções justificadas. O sr. agente disse que muito folgava de que os guardas soubessem bem cumprir seus deveres, porque sendo por elle propostos mostrava os desejos que tinha de acertar. A tal ponto chega a sua filancia que não se peja de avançar em publico uma proposição semelhante, sem attender a que o art. 3.^o do regulamento incumba ao administrador da recebedoria essa missão sem nem uma interferença do sr. agente.

O sr. Navarro querendo justificar que nem uma differença houve no gado manifestado

nas duas barreiras, e o entrado effectivamente na agencia, como o faz? Apresentando um calculo, quando o negocio não he de calculo, mais de certeza demonstrada; e ja resalvando-se com discordancias das relações das guias, e suas duplicatas; com o gado consumido alem de S. Christovão; reenviado para Santa Cruz &c. &c.; mas não se dignou de apresentar ao publico quanto foi o gado mandado para fóra por terra e mar; quanto o manifestado na agencia, para da comparação destas demonstrações, se patentear a verdade; e isto era mui facil á vista dos livros das entradas e saídas, os quaes se me fosse permitido examinar, talvez o sr. agente se não ufanasse tanto em sua resposta. O sr. Navarro ha de convir comigo, que orçamentos nunca se fazem pelo maximo, mais sim pelo medio da renda: logo a renda nas mãos do sr. agente fenece; e si ja no 1.^o semestre houve um deficit de 8:142\$800; sendo o segundo semestre de menor rendimento (não sei porque calculo) o deficit deverá montar ao duplo: e sem barreiras talvez chegue até a desaparecer esta renda da receita geral.

Existe pois ainda a minha proposição sem ser refutada, como eu esperava, e tanto desejava por honra mesmo do sr. Navarro a quem muito respeito, e não por odio ou inveja porque não aspiro ser agente.

O sr. Navarro não se dignou de responder sobre as quotidianas postergações do regulamento (ao que elle chamou ineptias) mas o publico imparcial, lendo o *Correio Official* de 14 deste mez, ali encontrará uma portaria do sr. ministro da fazenda, que comprova evidentemente quanto avancei a esse respeito.

Parece-me por tanto ter demonstrado a verdade da minha primeira correspondencia ao sr. agente do gado a quem tributo o mais melindroso respeito.

O defensor das barreiras extinctas.

VARIEDADES.

Antigos e modernos. — Os antigos eram gigantes de sciencia e de philosophia: — seja, quero admittil-o. Mas em vantagem dos modernos direi com Diogo Stella: "Um anão sobre os hombros d'um gigante pôde ver mais longe que o mesmo gigante. Burton.

a effigie do chefe de sua raça. Para assim procederem, dous motivos igualmente fortes os impelliam, — 1.^o o espirito de classe e corporação, — 2.^o o interesse proprio; — sim que cada chicotada que levava o corpo do Judas de sabbado da alleluia doia-lhes como se lhes fosse applicada em suas proprias costas, cada grito, cada assvio da plebe que lhes feria o tympano era o buído punhal que como um remorso lhes penetrava o coração.

Tamanho supplicio, cada anno reproduzido, elles o não poderam mais tempo supportar, e entre si juraram a abolição desse inveterado costume, e o conseguiram, — (o que é que não conseguem a manha e arte dos Judas modernos!) e agora passam-se os sabbados da alleluia sem que vejamos a justiça que faz o povo á effigie de Judas o traidor.

Mas com que pretexto acobertaram elles essa sua damnada tenção? com que artes illudiram as autoridades para fazel-as cúmplices de seus planos? Foi a moral publica que invocaram; pintaram-a ultrajada, pintaram per-

turbada a paz e o socego das familias, e tudo conseguiram. As vezes a causticidade satyrica, aproveitando o ensejo, na effigie do Judas antigo representava algum Judas moderno, e dest'arte personificando a traição nas feições de algum homem ainda existente, ainda talvez poderoso, fazia de lição, que deveria ser geral, applicação especial e immediata.

Foi por amor desse leve abuso, que se ia introduzindo e que tão facil era por outros meios reprimir, que ficou prohibida essa tão eloquente lição de moral. Lição eloquente na verdade! que os supplicios de Judas, esse corpo de palha entregue ao frenez da população; a infamia da traição castigada com o azurrague; o homem, que vende seu amigo, seu protector, seu mestre, arrastado pela lama das ruas, escarnecido, ludibriado pela mais infima relé; o nome do discipulo que a inveja, e o orgulho levaram ao crime, que por não ser o príncipo dos discipulos, vendeu discipulos e mestre á sanha dos Phariseus, sim tudo isso sob apparencia de ridiculo e vão

folgado involvia uma sublime lição: nella o povo apprendia a desprezar, a punir os traidores. Oh! sim, os castigos de Judas ser-nos-iam agora de summa utilidade; infelizmente acabaram.

Descança pois em paz, memoria do Judas, não mais será teu nome insultado, vilipendiada tua conducta! E na verdade bem charo pagaste tua traição: corrido de vergonha, foste engeitar o preço della, corrido de vergonha foste enforcar-te. Oh! que não viveste no seculo actual, teus successores, os filhos de tua raça ter-te-iam ensinado á aproveitar a obra feita; olha-os como triumpham, como nédios e risinhos passam por entre suas victimas, como alardeam sua traição, como exigem o preço della, como cevam-se em sua infamia!! Tu julgaste que não tinhas outro recurso sinão enforcar-te; elles nem ao menos em effigie são suppliciados: porque como disse o poeta popular da França

On vit de honte on n'en meurt plus.

Quem não tem vergonha todo o mundo é seu. R.